

POESIA TETRAVALENTE: OS QUATRO ELÉTRONS DE DIVANIZE CARBONIERI

POESÍA TETRAVALENTE: LOS CUATRO ELECTRONES DE DIVANIZE CARBONIERI

Edson Flávio Santos¹

Recebimento do texto: 11/05/2021

Data de aceite: 30/05/2021

RESUMO: Este ensaio traz uma análise sobre as obras *Entraves* (2017), *Grande depósito de bugigangas* (2018), *A ossatura do rinoceronte* (2020) e *Furagem* (2020) da escritora Divanize Carbonieri². Ao longo do texto, serão trazidos poemas e fragmentos, com a finalidade de promover uma viagem pelo universo poético da escritora que, sem dúvida, afirma-se cada vez mais na literatura contemporânea produzida em Mato Grosso.

PALAVRAS-CHAVE: Divanize Carbonieri. Literatura Contemporânea. Universo Poético. Mato Grosso.

RESUMEN: Este ensayo presenta un análisis de las obras *Entraves* (2017), *Grande depósito de bujigangas* (2018), *A ossatura do Rinoceronte* (2020) y *Furagem* (2020) de la escritora Divanize Carbonieri. A lo largo del texto, se traerán poemas y fragmentos, con el propósito de promover un viaje por el universo poético del escritor que, sin duda, afirma cada vez más en la literatura contemporánea producida en Mato Grosso.

PALABRAS CLAVE: Divanize Carbonieri. Literatura Contemporânea. Universo poético. Mato Grosso.

¹ Doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso e docente credenciado do Programa de Pós Graduação em Estudos Literários (PPGEL/Unemat). E-mail: edsonflaviomt@gmail.com

² A autora também publicou outros livros de poesia: *Carga de cavalaria: haicais encavalados* (2021), e um infanto-juvenil, *O insight dos insetos* (2021), os quais não irei abordar.

o poeta contemporâneo, que não é somente um compositor de versos graciosos, forçosamente coloca a si próprio questões como “Para que serve a poesia?”, não meramente para dizer “O que quero dizer?”, mas antes “Como e para quem devo dizer isso?” (Eliot, 2015, p. 41).

Estrada de tijolos amarelos

A epígrafe que abre esta página nos coloca diante de uma postura, já apontada pelo grande T.S. Eliot, que percebemos desde a primeira página de *Entraves* (2017), que consideramos a obra gênese da autora. Não por ser a primeira, mas porque nela conseguimos colher indícios das obras posteriores e que retomaremos no avanço do texto.

Amante da alternância entre consoantes oclusivas e constrictivas, principalmente as vibrantes, como em “Carcoma”, em que “todo radical é como uma rima”, a autora utiliza-se muito dos recursos sonoros das palavras. Como diria Alfredo Bosi,

A voz produz, no lugar da coisa, um fantasma sonoro, a palavra. [...] Os fonemas, peões deste intérmino jogo de suplências, não poderiam ser menos flexíveis do que os móveis dedos da mão. Se é a mesma destra que mata e salva, é o mesmo som que integra um signo de luz e um signo de treva (BOSI, 2000, p. 72).

No poema “Entraves”, que dá nome ao livro, é possível enxergar que a proposta da autora é levar o leitor a perceber que ler poesia não é fácil, muito menos fazê-la. Ler poesia é “transitar pelos versos” e “tropeçar pelas palavras”. É mister da poeta ser ardilosa com as palavras.

Ao ler os poemas dessa obra percebemos que a linguagem utilizada pela autora é o entrave que abre os ferrolhos dos versos. Não podemos desistir ante o empecilho. Mesmo que “a presa escap[e] da mira desatenta”, é preciso correr “Riscos”, e por isso em cada página, ligados de forma siamesa, seus versos são empurrados ao precipício enquanto o leitor os contempla, despencando um a um, muitas vezes resultado de um efeito consagrado em suas obras, o *enjambement*.

A “Letra” para a autora constitui-se em um elemento de construção.

Carbonieri arquiteta seus poemas como quem escolhe tijolo a tijolo o melhor encaixe, o melhor som, na construção do edifício-poema e de axiomas que, dispersos ao longo do livro, nos organizam internamente frente a sua obra:

no mal que nos embriaga
a alegria é uma adaga

Mas que adaga é essa? Seria a poesia? Qual é a faca que corta “rente ao nodo da garganta” e nos deixa sem fala? Seria aquela da mesma lâmina afiada que em “Esporófito”

ceifa a linfa da vida
entretecida na carne
no cerne rosa da fé?

Não é só a poesia que torna-se tema. Gatos também! Se em “Animais” “os gatos sabotam os planos por preguiça”, eles, os gatos ou quem quer que seja, não foram capazes de sabotar os planos da autora, pois sua obra segue firme no propósito de ser um entrave. Inclusive em questões delicadas como em “Tramela”, em que um deus “abandona a matilha” e “tira o mais amado/de quem amou melhor”. Quem é esse deus que ao mesmo tempo destrava a sina? Um deus ex-machina ou o deus da carnificina?

Como todos seremos julgados um dia, a poesia antecipa o julgamento e o joga para o leitor, que passa a ser chamado de “narrador autodepreciativo”, sendo, então, responsável, em “Lâmina”, por se desprender “de si para/narrar a falha de todos”.

“Lacuna” apresenta uma forma que irá se repetir nas próximas obras: versos encadeados pela métrica precisa, pela rima e pelos sentidos. A obra de Carbonieri tende a ser total, guardando experiências particulares para aqueles que se deleitam na leitura dos poemas juntos. Não se pode admitir uma leitura deslocada do todo em que ela labuta, pois a poesia é chão bruto, terreno dos fortes.

Impossível deixar de destacar ainda nessa obra duas características muito particulares da autora: sua paixão pelos animais e a relação “Complexa” entre homens e mulheres, em que “o coração não estabelece leis rígidas/de sobrevivência

em meio ao caos”, que acabam por ser temas recorrentes nas demais obras.

Alguns poemas de *Entraves* (2017) nos remetem ao nome dos próximos livros: “Paquiderme” = *A ossatura do rinoceronte* (2020), “Percurso” = *Passagem estreita*³ (contos, 2019), “Trastes”, com o verso “o grande guarda-roupa” = *Grande depósito de bugigangas* (2018). Ou poemas que se ligam pelo nome/tema/campo semântico como: “Úvula” (*Entraves*) = “Útero” (*Furagem*) e “Gatas” (*Entraves*) = “Gata” (*Furagem*).

Entraves (2017) é pau, é pedra, mas não o fim do caminho. É apenas o começo.

Grande depósito ou Caixa de Pandora

O segundo livro de Carbonieri, *Grande depósito de Bugigangas* (2018), foi selecionado pelo Edital de Fomento à Cultura da Prefeitura de Cuiabá, e compõe, como os demais livros analisados, diversos modos de “tecer” e que não podem ser analisados sobre o mesmo diapasão.

A poesia que se apresenta agora ao leitor é uma poesia sem entraves. A autora elabora uma obra em que, diferentemente dos obstáculos de *Entraves* (2017), os versos são rápidos e parecem, de fato, fugir da Caixa de Pandora.

Mas o que tem nesse depósito? Alguns poemas, como “Utensílios”, que se ligam diretamente ao nome da obra, matam-nos um pouco essa curiosidade. Seriam os “sonhos enfeixados”, “espólios de incontáveis pejejas”, “despojos de guerras sanguinolentas”, “ilusões empoeiradas”, “cacos de sonhos” de “Empório”? Ou seriam os versos de “Inventário”?

pequenas coisas
cachos de açucenas
frascos de alfazemas
caixas de brinquedos
bonecas e bodoques
estilingues de couro

³ Com esta obra a autora ficou entre os cinco finalistas do Prêmio Jabuti 2020, na categoria “Conto”

O que aguarda o leitor? O que Carbonieri guardou dentro desse *Grande depósito*? Como disse Antonio Candido (2000, p. 23), “forças condicionantes guiam o artista em grau maior ou menor”. Que forças são essas que levam a autora a colocar a arte em campo de batalha, no qual “diante do pelotão de fuzilamento/o poeta grita o último poema”, como em “Fuzilamento”? Ou ainda armar uma “Armadilha”, em que “é armadilha/amar agora/porque o bom /não se demora”. Mas o que é bom? O que é amar?

Para Tolstói (2002), a arte é um meio de contágio dos sentimentos, por isso, o leitor que é contagiado pela poesia de *Grande depósito de bugigangas* (2018), em um certo momento da vida, acredita que seja hora de recolher os “Estandartes” e reflete, como nos versos: “não quero tudo/quero uma parte”, crendo que não há “Trama” que não tenha fim porque “trago o instante/ quando vem”, e é nesse instante que nos alimentamos da “Poesia”, pois

tem poesia da fome
e das três refeições por dia
a que tem assento garantido
e aquela que fica na galeria

Uma metapoesia que veremos muito ainda onde a “Palavra”

[...] é lavoura
que não escasseia
quanto mais se lava
mais dela se retira a crosta

Uma crosta que reviveremos na próxima obra que é antecipada pela sonoridade e pela forma de “Carniceiros”, “Rebeldes” e “A barca”.

Façamos “uma figa no dedo” e fechemos a Caixa de Pandora, ou melhor, o *Grande depósito de bugigangas*, “na mansidão do caos imenso” de Carbonieri.

Taxidermiapoética

A ossatura do rinoceronte (2020)⁴, publicado pela Editora Patuá (SP) (os

⁴ Livro ganhador do Prêmio Flipoços em 2021, na categoria poesia.

demais foram todos publicados pela Carlini & Caniato), apresenta uma leitura imagética na forma do livro como um todo. Ao abrir o exemplar, ladeados nas páginas, surgem os poemas que sugerem a imagem de um esqueleto aberto, como uma radiografia, onde os versos sinalizam as costelas de uma carcaça. Página por página, essa imagem se repete entrecortada pelas divisões da obra, que, além de separar os poemas, dão-nos a impressão que se trata não de uma ossatura, mas de várias, formando uma manada de rinocerontes. A presença do animal é uma ideia que segue reforçada pela nomeação dos poemas “Bípede”, “Fóssil” e “Ossada”.

Assim como esses mamíferos possuem quatro patas que sustentam a grande parte de sua ossatura, esse é o primeiro livro da autora dividido em seções, que sustentam toda a obra. Tal estratégia também será usada na obra seguinte. As divisões onde estão alocados os *poemas-osso* são: “o que paira virá devagar”, “a terra que nos dá forma”, “trama refeita da vida” e “o amor mastigado”.

Em “o que paira virá devagar”, encontramos poemas que se situam no âmbito das coisas imutáveis. Quase uma predestinação imposta pelo destino, e não é redundância. Esse sentimento de que tudo já está traçado faz com que pensemos no livre-arbítrio. Ele existe mesmo?

Poemas como “Desígnio”, “Criatura” e “Sina” deixam muito evidente: todos vivemos numa “espera que alcança a fiança do destino”, experimentando “o cotidiano no rodar de um dia”.

Essa fatídica vida já deu o “Veredicto” de que “a mentira impera no mundo”, então, o que não tem “Remédio”, remediado está, uma vez que “males maiores sempre serão descobertos/sem que haja tempo para novos acertos”. Essa é a vida revelada pela *ossatura*. Uma vida cheia de “Entulho”, em que “a força não é mais tanta quanto se precisa” e é “insano correr das horas”, mesmo faltando

[...] muito pouco desta vida agora
para se livrar do entulho que a devora

A obra faz com que sejamos sucumbidos pelo poema numa espécie de “Asfixia” que “depura o sangue grosso tomando ácido” porque “a asfixia é a premissa da alforria”.

Há nos poemas da autora uma profunda consciência do presente em que está imersa e, para respirar, é preciso submergir e escrever. Por isso, muitas vezes,

sua poesia é sufocante. Versos que nos encham de torpor e nossos olhos se negam a ver. O prato preparado pela autora está posto em nossa mesa, a nossa frente. É preciso encarar mesmo que o estômago embrulhe e nos falte o apetite por dias.

A poesia de Carbonieri não tem utopia. É uma poesia real, do agora. Como desejar um futuro que não existe? Para a autora, o futuro é uma falácia. Apenas o presente importa.

Na seção “a terra que nos dá forma”, encontramos poemas que se relacionam a animais, seres humanos e vegetais. Alguns como “Líquido” trazem os seguintes versos

separados do céu num exílio eterno
isolados como nós que somos cindidos
anfíbios antigos mix de peixes e bípedes

Haveria uma memória darwinista escondida no poema? O que dizer de “Rebento”, em que “de boa cepa nasce o rebento” ou de “Tubarão”, em que “só a calmaria suscita o coração brando”?

“Timbre”, que fala sobre as cores dos flamboyants e buganvílias, é o poema mais visual da obra. Nele, há sequências de versos que lembram eventos de uma narrativa fílmica com começo, meio e fim. O apoio em elementos sinestésicos não é novidade na obra da autora, que sempre se utiliza deles para despertar diversas sensações no leitor, como podemos observar ao longo dessa conversa.

Há um poema, em especial, que parece escrito como uma premonição: “Febre”. Em tempos de pandemia, seus versos caem como uma luva, ou melhor, como uma máscara, “dizimando aqueles que toma como inúteis”. Qualquer semelhança com a realidade em que vivemos é mera coincidência. Ou seria presságio?

Já que “Submissão” “é apenas um acordo entre as partes”, nós, que nos submetemos a percorrer a obra poética dessa autora, não concordamos com o que vemos em “Pária”: “o gato não tem história nem literatura”. Na poesia de Carbonieri, gato não só tem história como é tema de literatura. Uma literatura da “trama refeita da vida”. Entramos na terceira parte da obra.

A poesia de Carbonieri é visceral. E isso não é nenhum exagero. São recorrentes, em diversos poemas, as imagens de veias, cortes e sangue, como em

“Alívio”, em que encontramos um verso que “esbarra a ponta da faca na pele”.

É possível retornar, brevemente, às palavras de T.S. Eliot na epígrafe desse texto, em que lemos que “o poeta contemporâneo, que não é somente um compositor de versos graciosos, forçosamente coloca a si próprio questões como “Para que serve a poesia?”

Na *ossatura*, a poesia serve para ser uma “Emboscada”, em que os “poetas buscaram novas composições/tentando movimentar temas emperrados”, ou serve como um “Meteorito”, despencando incontrolável sobre nossas cabeças em um armagedom, em que “toda tentativa de poesia/não vem perfeita”, “dói mais que tudo” e “se viesse inteira não seria poema”, por isso, “poesia é a transação do ser humano/com o infinito impronunciável”.

Na última seção da *ossatura*, temos duas opções: conhecermos “o amor mastigado”, ou sermos mastigados por esse sentimento. No poema “Carniçaria”, um dos mais fortes da obra

o amor vai furar a todos com seu gancho
o amor vai pendurar as carcaças exangues
o amor vai tirar delas lascas e lascas
o amor vai descarnar as suas pelancas
o amor vai seccionar os quartos e partes
o amor vai empilhar no chão os descartes

É um sentimento cruel como uma “Fístula”, em que o “amor se resume apenas no físico”. Essa crueldade continua em “Talheres”, “Taça”, “Precipício”, “Berço”, “Linhagem”, “Engrenagem”, que versam sobre questões femininas, demonstrando a preocupação da autora em denunciar as agressões físicas e psicológicas a que são submetidas muitas mulheres na “engrenagem que manda estuprar moças”.

São versos densos que expressam uma poesia que nos causa ânsia, náusea, ojeriza de certas coisas. É a poesia grito da verdade que não vemos, estampada na revista que viramos a página, noticiada no jornal que não compramos ou ao vivo na TV que desligamos.

A verdade cruenta da sua poesia esfrega em nossa cara o que somente através dos boletins de ocorrência, quando muito, ficamos sabendo. É a sessão do livro mais inclinada ao compromisso ético em que autora acredita e, por isso, defende.

Curiosamente os rinocerontes possuem chifres que crescem durante toda sua vida. Caso ele seja retirado, voltará a crescer como crescem nossas unhas. Portanto, mesmo que terminemos a leitura de *A ossatura do rinoceronte* (2020), os versos dele continuarão a crescer dentro de nós.

Mulheragem: o livros dos (des)prazeres

Em sua mais recente obra publicada, *Furagem* (2020), Carbonieri revela toda sua potência estética e política. Da leitura dos livros anteriores, chegamos até aqui com essa constatação.

Em “Fundo”, “Barganha”, “Furo” e “Fios”, como observação mais visível, a repetição do fonema /fe/ chama a atenção por ligar-se diretamente ao campo semântico do nome da obra. É possível ainda observar construções estéticas já utilizadas pela autora em outras produções, bem como poemas que tomam proporções diferentes, denotando certa experimentação nas formas e nos temas.

Com essa repetição fônica aliada às imagens, muito bem construídas pelo arranjo estético proposto, ao longo das três seções que orientam a obra (“Furagem”, “Couraça” e “Bagaço”), o leitor experiência uma verticalização, como se fosse furando alguma coisa, no entanto, não é um buraco para se esconder, mas para fazer jorrar poesia como no poema que dá nome à obra

FURAGEM

furagem
é abrir buracos
rasgar superfícies
esgarçar tramas
todo movimento
de escancarar
as portas à força

o que sairá dali
não se sabe ao certo
é tudo uma questão
de espaço ocupado

o que não cabe mais

por dentro irrompe
inunda as ruas
enche as valas
alaga os campos
não fica nada
descoberto

No poema acima e, em outros também das obras anteriores, a autora elabora versos em que a espacialização da rua é lugar de poesia, por onde ela pode passar. Seja nas calçadas estreitas da cidade por entre cães e gatos, seja nas valas, seja nos campos. É ali nesses espaços que a poesia também existe e resiste como habitat da poeticidade de Carbonieri.

Desde os *Entraves* (2017) até aqui, permanece o estilo dos nomes dos poemas em caixa alta e todos os versos em minúsculas sem qualquer pontuação. Em *Furagem* (2020), é possível observar, para nosso deleite, uma sonoridade marcante como nos poemas “Triz”, “Sputnik”, “Caramujos”, “Virulência”, “Arrecife” e “Alvorço”. Percorrendo a métrica que se espraia ao longo dos quatro livros analisados, não nos parece que a autora viva algum tipo de angústia formal. A angústia aqui fica por conta dos temas abordados, principalmente na última parte da obra.

A leitura dos livros de Carbonieri, assim como acontece com outros autores contemporâneos, permite observar poemas cada vez mais ligados ao particular. Há um eu-poético que volta-se para si mesmo, embora alguns poemas revelem uma libido mais visível e sensível, como em “Sanha” e “Oposto”. Temos em *Furagem* (2020) um eu-lírico que se debruça na tentativa de amplificar o saber sobre a própria condição de ser mulher.

E, para isso, conta com a poesia que revela o poder de ser responsável por um compromisso social, chamando a responsabilidade para si. Alguns poemas possuem um conteúdo existencial, em que o eu-poemático grita sua(s) dor(es) interior(es) e com isso impinge uma dose de reflexão a mais sobre o leitor.

Nessa obra em específico, estão muitas questões ligadas ao feminino, como é possível ver nos trechos dos poemas “Feiura”, “Redoma”, “Dança” e “Rugido”:

FEIURA
nunca seremos bonitas o suficiente

REDOMA
eu que fui sangrada pela espora
do seu coturno me rasgando as ancas
[...]
dentro da redoma circula a pantera
sacudindo a terra com suas patas negras

DANÇA,
atirar-me súbito do cadafalso para
oscilar no nada pendurada pelo pescoço
uma elipse desenhada com as pernas
última dança na letal encruzilhada

RUGIDO
muitas vezes as mulheres não são ouvidas
[...]
homem pode escrever coisa sem sentido
vai ser sempre celebrado

Os versos acima revelam que “a imensidão está em nós. Está ligada a uma espécie de expansão de ser que a vida refreia, que a prudência detém, mas que retorna na solidão” (BACHELARD, 2008, p. 190), uma solidão que se derrama no vazio como em:

FIOS
derrama o visgo
seiva que fecunda
furos pelo caminho
encharcando o vazio

A breve análise que fazemos da obra da autora revela, como nos próximos excertos, um compromisso fincado na elaboração formal que filtra assuntos pontuais em tom de denúncia social sem nublar o esplendor estético dos versos:

ÚTERO
o útero é um átrio
pátio de operações

DESALENTO,
a desgraça me chama para sair da cama
[...] o destino descarrega sobre nós sua carícia

INTERROMPIDA
não é rombo ter
amado muito

Seja na descoberta do próprio corpo, seja na denúncia dos crimes contra esse mesmo corpo, no universo *carbonieriano*, aparecem poemas mais engajados que possuem uma reunião de vozes, em que a poesia projeta sua identificação com a(s) dor(es) da(s) outra(s).

SEIVA
o sniper não viu que eu tava com roupa de escola
única resposta
viu e te escolheu pra cristo
tua crista agora no caixão
túnica ensanguentada sobre o esquife

DOMA
a doma das mulas
começa cedo nas
salas das casas
doces devem ser
todas as moças
meninas mansas
para aceitar bem
o açoite no lombo

BOLHA
socorro que ninguém ouve
ninguém socorre a menina
sempre tão manuseada
está sendo esfaqueada
mas não se vê

AGONIA
enquanto matavam janaína
augusta epifânia maria
estupraram edivânia
joaquina carolina dionila
enquanto estrangulavam

juliana virgínia domitila
o ácido assobiou na pele
o álcool cantou na carne
a faca perfurou o tronco
a trave atravessou o reto
sobreviveu só a agonia

FÚRIA
pacificada na pancada
a faca ainda fincada na cara inchada
cicatrizada a cada paulada
trincada essa arcada fixa
rachada a fuça
estraçalhada ela estrebucha

TURMALINA
alada lá no alto
até que atocaiada
emboscada
executada
transmutada
em tantas mais
marias meninas mulheres
tantas outras elas
apelidadas marielles

Sem tornar-se panfletária, mas ainda assim visceral, como dissemos anteriormente, Divanize Carbonieri toca em questões que tangem o mecanismo social. Essas questões que precisam ser enfrentadas, em seus poemas, recebem a configuração de um eu-poemático que vai se consumir através dos sujeitos que assume em cada um dos seus poemas e que refratam uma dura realidade histórica brasileira de ser mulher e conviver com a violência física e psicológica, os versos acima são exemplos disso.

Acreditamos que a autora, ao longo das obras *Entraves* (2017), *Grande depósito de Bugigangas* (2018), *A ossatura do rinoceronte* (2020) e *Furagem* (2020), alcançou sua escrevivência, que, no dizer da poeta Conceição Evaristo (2007, p. 21), “não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. E mesmo que eles não acordem, no poema “Temporã”, o eu-poético nos assegura que a poesia

promete tanto
imprime lentamente
o intento no papel

e que, embora em tempos difíceis, nós queremos acreditar que nem “tudo seja apenas desalento”.

Leiam Divanize Carbonieri!

Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

CARBONIERI, Divanize. *Entraves*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2017.

CARBONIERI, Divanize. *Grande depósito de bugigangas*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2018.

CARBONIERI, Divanize. *A ossatura do rinoceronte*. São Paulo: Patuá, 2020.

CARBONIERI, Divanize. *Furagem*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2020.

ELIOT, T.S. *O uso da poesia e o uso da crítica*. Trad. Cecília Prada. São Paulo: É realizações, 2015.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio. (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

TOLSTÓI, L. *O que é arte?* São Paulo: Ediouro, 2002. (Original publicado em 1897)

O conteúdo deste texto é de inteira responsabilidade de seus autores.